

ANÁTEMA
Por: Larissa Caruso

PROLOGO

A jovem de cabelos loiros prendeu a respiração, fechando os olhos e concentrando-se. Com as costas contra a parede, contorceu-se até que foi capaz de entrar no vão entre duas casas de aparência precária. Apesar da adaga em sua mão direita, sabia que seria inútil tentar usá-la em um espaço tão pequeno. O plano não era lutar, mas sim não ser encontrada.

Continuou traçando seu caminho lentamente, procurando chegar até a rua perpendicular. Acreditava que seria o suficiente para despistar seu perseguidor, no entanto, não o subestimaria. Já o havia feito no passado, e isto a colocara na posição em que se encontrava neste momento. Depois de um ano foragida, finalmente fora localizada. Pior que isso, por ele.

Ouviu barulhos de passos rápidos a sua esquerda e imaginou que o caçador já se aproximava de sua trilha. Um nó formou-se em seu estômago ao perceber que ainda encontrava-se há quatro metros da saída mais próxima. Precisava ser rápida. Não seria mandada novamente para aquele inferno. Preferia a morte. *Provavelmente vão te jogar na Arena depois de arrancarem as informações de você*, disse a irritante voz em sua mente.

Balançando a cabeça, colocou aquele pensamento de lado. Precisava focar em seu plano de fuga. Apressando o passo, continuou caminhando até seu destino. Poeira espalhou-se ao seu redor, irritando seu nariz. Franzindo-o com uma careta, ela se concentrou para evitar o espirro que se formava. Foi então que ouviu vozes masculinas de onde viera, seguida por um pedido de misericórdia de uma mulher. Não reconheceu nenhuma delas e ponderou se estava enganada quanto à presença de seu perseguidor.

— Você não tem escapatória, bruxa. — disse um dos homens, cuspidando a última palavra como se fosse uma ofensa imperdoável.

— Vocês... não querem me machucar. — falou a voz feminina em um tom cansado e fraco, soando mais como uma afirmação do que um pedido.

Um deles riu ao ouvir tais palavras, provavelmente o chefe, já que os outros seguiram seu exemplo. Ela percebeu, no entanto, que a mulher não havia negado a acusação feita. Imediatamente sentiu um arrepio percorrer sua espinha. Não podia realmente se tratar de uma Mar'zi, poderia?

Mar'zis eram pessoas capazes de utilizar magia. Bruxas ou bruxos, como diziam alguns. Foram praticamente extintos após a *Era Negra* devido à perseguição que sofreram. Diferente da maioria das pessoas, ela não possuía uma opinião formada sobre aquele tipo

de gente. Só preferia manter-se distante devido as consequências de se relacionar com um. Ouviu as terríveis histórias daqueles que se tornaram loucos e mataram todos ao seu redor, mas nunca as presenciou.

Dizem que o que causa a insanidade naqueles seres é um tipo de corrupção que a magia possui. Na maior parte do tempo a mente cedia primeiro, mas existiam casos onde o corpo começava a demonstrar sinais de decomposição pelo uso de tal poder. Aliviada por perceber que não se tratava de seu perseguidor, ela continuou caminhando para longe, ignorando as vozes que ficavam cada vez mais altas.

Aparentemente, esta era uma caça. Apostava que era liderada pela Ordem dos Cavaleiros Brancos, responsáveis por lidar com este tipo de coisa. Nada disso importava para ela. Já possuía problemas demais. Se quisessem executar a bruxa logo ali, não faria nenhuma diferença... certo? Fechando os olhos, ignorou a voz desesperada da mulher penetrando em seu cérebro.

Nunca havia se sentido tão fragilizada por um pedido de ajuda. Seu coração tornava-se mais apertado com cada passo dado na direção oposta. Era como se o sofrimento daquela mulher não fosse somente dela. Vozes gritavam dentro de sua mente, implorando para que a ajudasse. Os joelhos tremerem. Queria levar as mãos à cabeça e parar com todos aqueles sentimentos que ameaçavam dominá-la.

Enquanto lutava consigo mesma, ouviu uma voz familiar ordenando:

— Deixem-na ir.

Gybril Wolkner, aquele que a caçava, pretendia ajudar a bruxa. A jovem franziu o cenho, não entendendo tal ação. Ela o conhecia bem, não era o tipo de pessoa que se comovia por histórias tristes ou donzelas em perigo. Nenhum dos dois o fizera hesitar no passado enquanto a caçava. Pior de tudo, ela era uma Mar'zi. Por que mancharia sua reputação desta forma, auxiliando um ser condenado a morte como aquele?

Os homens riram, aparentemente divertindo-se com aquele comentário. Um grito brutal deixou os lábios de Wolkner e imediatamente o som de espadas se chocando ecoou nas redondezas.

— Me ajude...por favor...

Apesar de todo o barulho, ela conseguia escutar a voz da mulher com clareza. Balançando a cabeça, murmurou para si mesma:

— Não... não... não... maldita bruxa tentando entrar na minha mente.

Havia ouvido histórias dos poderes macabros que aqueles seres possuíam. Tinha certeza que este era um deles.

Ajude-a, pediu a voz dentro de sua mente.

— Até você? — perguntou ela, em um tom frustrado. E continuando na direção oposta, resmungou — Eu não vou me envolver nisso. Não, não. Não sou louca.

Percebeu então, o que acabara de dizer. Riu baixo, zombando de seu próprio comentário. Realmente parecia irônico acreditar em sua sanidade enquanto discutia com um amigo imaginário. Ainda sim, não conseguia deixar de pensar que seu instinto nunca lhe falhara e agora ele lhe dizia para intervir nesta situação.

Ajude-a, pediu a voz, de forma altiva.

Suspirando, ela cerrou os punhos. O mais rápido que pode, começou a voltar por onde viera. Mal acreditava no que faria. Ajudaria uma bruxa ao lado de seu inimigo. Isto parecia loucura demais até mesmo para ela.

CAPITULO 1

A jovem se aproximou do canto da parede perpendicular à rua onde a confusão estava ocorrendo. Inclinando a cabeça para o lado, observou os detalhes do conflito. Havia cinco homens lutando com Gybriel, todos vestidos com trajes simples e utilizando espadas como suas armas. Não eram Cavaleiros Brancos como pensara anteriormente, senão estariam vestindo seu uniforme branco e prateado, com a malha metálica em seu torso.

Confusa, tentou entender porque homens normais se arriscariam a enfrentar uma suposta bruxa. Percebeu então, a julgar pela habilidade que possuíam com suas armas, que eram bem treinados. Provavelmente mercenários. A mulher ameaçada estava encostada contra a parede, observando seu protetor com preocupação.

Ela usava um vestido improvisado de panos que lembravam lençóis velhos amarrados ao redor do corpo. Seus cabelos castanhos claros estavam sujos e maltratados, segurados precariamente por um coque. Apesar de ser alta e esbelta, parecia uma maltrapilha devido aos seus trajes. O sofrimento encontrado em suas feições a deixava com aparência de mais velha, apesar de julgar que a idade dela provavelmente se aproximava à sua. Talvez já tivesse chegado à casa dos vinte.

Um grunhido familiar lhe chamou a atenção. Focando seu olhar na direção do barulho, viu um homem de cabelos castanhos até os ombros, presos por uma corda de couro, colocando a mão em seu estomago após receber um golpe. Fitou seu inimigo por um momento, ponderando mais uma vez se deveria interferir. Ele era bom, mas devido ao óbvio cansaço e ao número de oponentes, provavelmente seria subjugado. Esta seria sua chance para ver-se livre de seu grande e habilidoso perseguidor.

A voz em sua mente a reprimiu, fazendo-a suspirar. Pegando sua segunda adaga, ela partiu para o ataque. Aproximou-se e procurou livrar-se de um dos inimigos sorrateiramente. O mais próximo estava de costas para ela, preparando um ataque contra Gybriel. Percebendo sua oportunidade, ela o acertou na nuca com o cabo da adaga. O mercenário caiu no chão, nocauteado.

Imediatamente, os outros atacantes viraram para sua direção. Ela acenou com um sorriso sarcástico e movimentou-se rapidamente até onde Gybriel se encontrava. Manteve suas costas contra a dele, para possibilitar uma maior área de cobertura. Se trabalhassem juntos, rapidamente estariam livres daqueles homens.

— Alyvia. — disse o caçador de recompensas exasperado ao notar sua presença — O que você está fazendo aqui?

— Um obrigado até que ia bem, Wolkner. — respondeu ela, com um meio sorriso.

— Eu não preciso da sua ajuda. — retrucou, enfatizando suas palavras com um corte fundo no braço de um dos atacantes.

— Não foi o que pareceu de onde eu estava assistindo. Mas, se você quiser parar e discutir isso agora... sem problemas.

A garota puxou Gybriel para o lado direito, fazendo com que ambos desviassem de um golpe certeiro. Ele resmungou algo e em seguida concluiu:

— Isso não muda nada. Assim que terminarmos aqui, eu te levo comigo. Viva ou morta.

— Veremos. — respondeu a loira, chutando o estômago de um dos oponentes depois de bloquear um ataque.

Ela notou que o caçador a empurrou para a diagonal direita, mudando seu posicionamento no meio da luta. Ao olhar para o lado, viu que um dos mercenários estava prestes a desferir um golpe contra seu torso. Antes que pudesse fazê-lo, Gybriel o bloqueou com sua arma. Alyvia deu um passo para frente, preparando-se para enfrentar um novo inimigo.

Parou no meio de seu ataque, entretanto, ao ouvir um grito feminino. Viu que o homem que chutara no estômago, acompanhado de outro ferido, caminhavam em direção à mulher encolhida contra a parede. Pensou em avisar seu companheiro, mas percebeu que ele já ia de encontro àqueles que ameaçavam a moça.

Sozinha, com dois oponentes, ela ajustou seu posicionamento para um mais defensivo, com o intuito de mantê-los ocupados enquanto Gybriel ajudava a mulher. Devido ao seu alcance ser menor, esperou que os atacantes dessem o primeiro passo. Ambos o fizeram previsivelmente, dando-lhe a oportunidade de desviar com perfeição.

Iniciaram uma sequência, procuraram atingi-la com os punhos, um na mandíbula e o outro no baço. Tentar desviar de ambos os ataques mostrou-se inútil, e a dor contra seu queixo fez com que recuasse alguns passos. O segundo aproveitou-se da situação e fez um corte superficial em seu braço. Ela mordeu o grito, determinada a não demonstrar fraqueza àqueles homens.

Utilizou-se da pequena brecha entre ataques e se posicionou próxima à parede para evitar que algum deles lhe pegasse de costas. Ao perceberem que continuaria na defensiva, eles começaram a circular o perímetro que possuíam, tentando intimidá-la.

— E então, rapazes? Quem mais vai tentar tirar uma lasquinha? — perguntou, sorrindo e tentando parecer sensual.

Apesar de optar por um vestuário pouco convencional, com uma calça preta de algodão e blusa branca larga do mesmo material, sabia que possuía uma figura tentadora. Era pequena e com aparência frágil, mas seu corpo era dotado de curvas de uma mulher. A pele morena acentuava os cabelos loiros queimados de sol e os olhos cor de mel, quase amarelos. Mesmo com o rabo de cavalo que usava, alguns fios teimavam em atrapalhar sua visão. Particularmente, ela achava aquela franja improvisada sexy. Entretanto, nada disso pareceu impressionar os mercenários.

Um deles respondeu com um grunhido antes de avançar em sua direção. Abaixando-se, ela esquivou do golpe alto e afundou o cabo de sua adaga no meio das pernas do homem. Gritando, ele recuou. O inimigo deixou sua espada cair, preocupado

demais com suas partes baixas. Aproveitando a oportunidade, ela se levantou e desferiu um chute contra seu peito, jogando-o para trás.

Com aquele inimigo temporariamente fora do combate, focou no próximo, que a observava em uma posição ofensiva. Gesticulou com a cabeça para que ele viesse em sua direção e o homem fez o mesmo, sorrindo maliciosamente. Percebeu que estavam em um impasse, e então, decidiu dar o primeiro passo.

Avançou, preparando um golpe com sua adaga. A intenção era enganá-lo com um ataque surpresa assim que se esquivasse do primeiro. Ele o fez, mas antes que ela pudesse dar sequência ao seu ataque, o homem a surpreendeu, cortando sua manga com uma faca que acabara de tirar de seu cinto. Enraivecida, ela tentou dar uma rasteira para derrubá-lo, mas prevendo o movimento, ele evitou ser atingido com um pulo para trás.

— Com problemas, garota? — perguntou uma voz familiar, irritando-a ainda mais.

Gyriel posicionou-se em sua frente, e imediatamente atacou o inimigo. Alyvia olhou ao seu redor e percebeu que os oponentes do caçador já se encontravam inconscientes. Sentiu-se frustrada por um momento, mas no fundo sabia que sua habilidade física não se comparava a do homem que agora a protegia.

Impressionada, ela o observou enquanto lutava, lembrando-se da ocasião em que se encontraram pela primeira vez. Sentiu-se frágil ao imaginar a cena com perfeição. Havia sido uma tola achando que ele realmente desconhecera sua identidade. Provavelmente havia se aproveitado do momento para desarmar suas defesas.

Balançando a cabeça para deixar de lado tais pensamentos, forçou sua atenção novamente a luta. Assim que deu um passo para frente com o intuito de ajudá-lo, ele derrubou o último inimigo sem muito esforço.

— Quatro a um. — comentou o caçador, com um ar arrogante.

Fazendo uma careta, ela cruzou os braços e murmurou:

— Isso não significa que você não precisou da minha ajuda.

Ele riu alto, divertindo-se com o comentário enquanto caminhava em sua direção. Sem nenhum aviso prévio, chutou o joelho de Alyvia com a sola do pé. A loira caiu no chão, gritando de dor e protegendo a perna com a mão. Estava deslocado, no mínimo. Conhecendo sua sorte, provavelmente quebrado. Indignada, perguntou:

— Pra que isso?!

— Pra você não fugir.

Amaldiçoando a si mesma pela estupidez, ela se lembrou que deveria estar fugindo dele. Para demonstrar sua força, tentou se levantar, ignorando a dor que a afligia. Desistiu na terceira tentativa e uivou de raiva. Gyriel não pareceu abalado com seu sofrimento. Ao invés disso, caminhou em direção à suposta Mar'zi. Só então Alyvia percebeu que ela estava desacordada. Franzindo o cenho, perguntou:

— Ela esta bem?

— O pulso esta normal. — respondeu ele, após agachar-se ao lado dela — Ela parece fraca, só isso.

Ao vê-lo levantar a manga do vestido improvisado para checar seus sinais vitais, a loira notou uma tatuagem em seu antebraço esquerdo. Um olho estilizado reluzia contra sua pele em um tom dourado, com duas lágrimas prateadas, uma em cima e outra

embaixo do contorno, desenhados no centro de um triângulo negro de ponta cabeça. Imediatamente sentiu um arrepio percorrer sua nuca.

Continuou a observar o braço da mulher e notou outra tatuagem, desta vez completamente negra. Três ondas iam em direção ao seu cotovelo, com gotas de água ao seu redor. Segurou a respiração, tentando não demonstrar seu medo. Olhou para Gybriel enquanto ele a pegava em seus braços e perguntou:

— O que você está fazendo?

— Levando-a para um lugar seguro. — ele respondeu, como se fosse óbvio.

— Ela é uma Mar'zi. — retrucou a loira, apontando para as tatuagens que agora se escondiam debaixo dos trapos que usava como vestido — Ela tem duas tatuagens. Você viu. Deve estar louca já.

— Eu sei. — foi a única resposta dada pelo caçador, antes de iniciar uma caminhada em direção a entrada da estreita rua.

Alyvia continuou sentada, sem entender a situação. Por que não se abalaria, mesmo sabendo que se tratava de uma bruxa? Será que ele a conhecia e por isso se importava tanto?

Pessoas acusadas de serem bruxos, na maior parte do tempo, eram executadas sem nenhuma prova concreta. Algumas vezes, entretanto, tatuagens negras marcavam seu corpo. Normalmente, estas eram um sinal claro de que a pessoa não estava longe de perder os últimos resquícios de sua sanidade. A maior parte dos rumores relacionados aos violentos ataques feitos por Mar'zis relatava a presença de uma ou mais tatuagens em sua pele. Logo, elas se tornaram uma correlação direta entre magia e insanidade.

— Você não vem? — perguntou o homem, fitando-a através da sua visão periférica — Eu não quero ter que te arrastar. Eu te falei que assim que isso acabasse, eu te levava comigo. Não vou perder a chance de te devolver para Ishdor.

A loira xingou baixo, irritada com aquele tipo de tratamento. Cruzando os braços, ela se recusou a levantar. Gybriel suspirou exasperadamente e deu meia-volta. Com um olhar determinado em seu rosto, ele a encarou. Alyvia sabia que valia mais viva do que morta, mas ele não hesitaria em matá-la se não cooperasse. Ainda sim, escondeu sua adaga debaixo da coxa, tentando mostrar-se inofensiva.

Com a espada empunhada, ele a apontou para seu pescoço e disse:

— Sem brincadeiras agora.

O caçador de recompensas fazia do trabalho de carregar a mulher parecer algo fácil, mesmo usando somente uma de suas mãos. Antes que pudesse retrucar com alguma resposta ácida, inúmeros sons de passos alcançaram seus ouvidos. Ambos focaram na direção do barulho e viram mais de quinze guardas entrarem na rua em que se encontravam.

Devido a toda a confusão da luta, Alyvia esqueceu-se completamente que havia causado um grande alvoroço em uma das tavernas da cidade, onde Gybriel iniciou sua perseguição. Devia ter imaginado que era somente uma questão de tempo até a guarda real ser acionada. Apesar de tenso, ele não pareceu preocupado. A loira notou seu cuidado em esconder o braço da Mar'zi, justamente para que não vissem as tatuagens.

— Larguem suas armas. Agora. — ordenou o sargento, posicionando-se na frente de seus homens.

A loira imediatamente levou as mãos para o alto. Seu perseguidor, no entanto, não se moveu.

— Gybriel Wolkner. Eu sou conhecido do rei Ludwig. Não se preocupem, esta tudo sob controle.

Um leve burburinho começou entre os soldados, e Alyvia sentiu-se nauseada ao perceber a arrogância daquele homem. Seu pai, Randal Wolkner era um grande herói de guerra, e o responsável, juntamente com Sirius Tarnis, pela criação da Ordem dos Cavaleiros Brancos. Graças à organização desse grupo e a união dos reinos, que o mundo foi capaz de sobreviver à grande Guerra Mar'ziana, onde bruxos, tomados pela loucura, passaram de presas caçadas a predadores.

Por esse motivo, o nome sempre acompanhava orgulho e reverência. Como o pai, esperavam que o filho também fosse um grande homem, capaz de mudar o mundo. No passado, sentiu pena dele, ao pensar o quão difícil seria viver na sombra de um pai famoso. Neste momento, só conseguia sentir repudia pelo uso de seu nome para salvar a própria pele. Principalmente quando abrigava uma Mar'zi em seus braços, ação que Randal com certeza condenaria.

— Desculpe, senhor Wolkner. Tenho certeza que este mal entendido será resolvido perante a presença do rei. — afirmou o sargento, mantendo sua arma apontada na direção dos três.

— Ah. Mas não sem resultar em sua ira. Pena que vocês sofrerão as consequências...

Alguns homens, os mais novos e inexperientes, pareceram abalados com a ameaça. Fizeram menção para recuar, mas imediatamente seu superior levantou a mão, ordenando para que parassem.

— Esta será a minha responsabilidade. Os tempos são outros, senhor Wolkner. Nossas ordens são de prender qualquer rufião que instigue problemas nas ruas. Tivemos mais de seis reclamações de danos causados por duas pessoas que possuem descrições muito similares a de vocês. E pelo que vejo... — o sargento desviou seu olhar momentaneamente para a mulher desacordada e os homens nocauteados — ...causaram ainda mais problemas do que o relatado.

Gybriel suspirou ao olhar para os homens que haviam enfrentado e Alyvia percebeu que este era um beco sem saída. Rumores diziam que era praticamente impossível escapar da prisão de Lanceir, devido a sua sólida estrutura. Lanceir era o maior e mais poderoso reino do Grande Continente. Eles investiam pesadamente na segurança, e principalmente, na limpeza de bandidos das ruas. Suspirou ao ver suas chances de escapar sumindo diante de seus olhos.

A loira notou a tensão que se formou nos ombros do caçador de recompensas. Parecia temer algo. De maneira protetora, aconchegou a mulher mais perto de seu torso. Provavelmente estava com medo que sua identidade fosse descoberta, mas até mesmo ele percebeu que seria impossível escapar desta situação. Não conseguiria correr de todos aqueles homens, segurando uma mulher no colo. Também não seria hábil o suficiente para livrar-se deles em uma batalha, nem mesmo se Alyvia pudesse ajudá-lo.

Resignado, ele soltou sua espada, deixando-a cair no chão com o tilintar da derrota.

— Tudo bem. Podem nos levar.

CAPITULO 2

Gybriel andava de um lado para o outro no salão principal do palácio de Lanceir, imerso em seus pensamentos enquanto aguardava a audiência com o rei Ludwig. Sabia que era uma questão de tempo até que notassem as tatuagens no corpo da mulher, e isto, com certeza, faria com que o rei condenasse suas ações.

Mesmo que Ludwig o tivesse acolhido como um filho após a morte de seus pais, sabia que seria difícil convencê-lo a deixá-la ir. Sentia, entretanto, que não podia deixá-la nas mãos dos cruéis Cavaleiros Brancos para sua execução. Ninguém merecia este destino. Lembrou-se do olhar inocente de Lyliene e cerrou os punhos. Não permitiria que mais injustiças fossem feitas.

Inalando profundamente, procurou se acalmar. Desviou o olhar para os ornamentos luxuriosos do castelo, tentando identificá-los. Não havia mudado muito desde sua decisão de partir daquele lugar para se tornar um caçador de recompensas. As cores azul e branca dominavam a decoração, desde os vasos pintados a mão, até as bandeiras penduradas nas grandes colunas que sustentavam o hall principal.

Entradas arqueadas espalhavam-se em diversas direções, levando para outras áreas do palácio. Logo a frente da porta principal, duas escadas gêmeas, com o corrimão feito de ouro maciço, guiavam para os aposentos reais, guardadas por quatro homens com o uniforme da guarda real. A sua direita, uma porta de madeira dividia a ala da serventia do resto. Aquele era o lugar que passou maior parte de sua infância. Lá encontravam-se as cozinhas, o pátio de treinamento dos soldados, e todas as outras partes que eram normalmente ignoradas pela realeza.

Ouviu passos cruzarem o hall e imediatamente virou-se na mesma direção. Duas colunas de guardas abriam o caminho entre os convidados do palácio, protegendo cinco indivíduos que Gybriel conhecia muito bem. Os filhos do rei caminhavam com o mesmo ar de arrogância de sempre, liderados pelo primogênito que era também o atual general do exército.

Entre o mais novo e o do meio, encontrava-se a única mulher que a rainha havia dado a luz. Um sorriso brotou nos lábios do caçador ao observá-la mais de perto. Seus cabelos negros cacheados chegavam até o fim de sua cintura, sedosos e bem cuidados. O perfume dos sais de banho que usava intoxicava o grande hall, atraindo ainda mais atenção para a bela dama.

O corpo de pele alva e delicada, agora mostrava sinais de maturidade não vistas quando ele partiu, há três anos. Olhos azuis tão claros quanto o límpido céu eram intensos e sérios, com determinação invejável. Mais que nunca ele podia perceber as semelhanças entre ela e sua mãe, que fora admirada por todo reino enquanto viva. A mesma força encontrava-se em sua postura, que agora não mais o lembrava a de uma menina, e sim de uma mulher.

Seus olhares se cruzaram e a princesa imediatamente parou diante dele. Com uma longa reverência, ele se inclinou e disse:

— Princesa Marylanna. É um prazer revê-la. Tornou-se uma linda mulher durante minha ausência.

Com um sorriso educado, ele se levantou e a fitou. Antes que pudesse reagir, sentiu o forte impacto da delicada mão da mulher em seu rosto, deixando ardência na bochecha atingida. Surpreso, ele arqueou as sobrancelhas, esperando argumentos para tal tratamento. Sem nenhuma palavra, a princesa se virou e continuou a caminhar em direção a sala do trono.

Balançando a cabeça, levou a mão à bochecha dolorida, acariciando-a. Apesar dos olhares constrangedores que recebia, ele sorriu. Um sentimento de profundo carinho apossou-se de seu coração. Sabia que o tapa fora bem merecido, afinal, ele a abandonara depois de jurar seu amor e beijá-la. Havia marcado a vida da princesa o suficiente para que não se esquecesse de como ele deixou o reino, na calada da noite, sem se despedir.

Naquele dia, não entendeu a ordem do rei. Acreditava que ele e a princesa poderiam ser felizes juntos, independente da diferença de berço. Seu pai era um herói, e apesar do passado simples, ele era tratado como um nobre perante todos. Lembrava-se bem da discussão que tivera com Ludwig antes de partir. Jurou que faria Marylanna feliz, que faria tudo que o homem pedisse. Mesmo assim, ele não o aceitou como candidato adequado. Nunca se sentiu tão frustrado.

Hoje, conseguia ver que o rei estava certo. Gybriel possuía uma natureza inquieta, devido às tragédias presentes em seu passado. Seu ato com a Mar'zi provara isto. Agia sempre procurando apaziguar o vazio que sentia dentro de si. Eventualmente, teria tornado a vida da princesa miserável. Ele a faria sofrer com sua irresponsabilidade e impulsividade. Desgraçaria o nome Til Niceramos assim como já fazia com o Wolkner através de suas escolhas.

No caso do seu sobrenome, não se importava. Seu pai não era digno de toda a adoração que recebia do povo mesmo depois de morto. Ninguém conhecia seu lado negro como o caçador. Só de pensar naquele homem, seu humor tornou-se sombrio. Franzindo o cenho e cruzando os braços, tentou ignorar as memórias que teimavam em assombrá-lo.

Seus pensamentos foram interrompidos pela voz de um dos guardas anunciando que o rei o aguardava. Sem hesitar, ele caminhou até a sala do trono, pronto para enfrentar o homem que considerava seu segundo pai.

Ao entrar, fez uma educada reverência para todos os presentes, observando-os momentaneamente. Ludwig era um homem baixo, com sinais de velhice visíveis em sua falta de cabelo e peso exagerado. Ele costumava ser um homem troncado, musculoso. Liderava o exército de Lanceir na época da *Guerra Mar'ziana* e fora o primeiro a mover seus homens contra os bruxos.

Ganhou muito prestígio por seu poder de decisão e firmeza. Agora, só restava a mísera sombra daquele que fora um dia. A vida sedentária mostrava sinais de desgaste até mesmo em sua personalidade. Tornou-se fraco, acostumado com o luxo e os diversos conselheiros que faziam maior parte de seu trabalho. Um suspiro deixou os lábios de Gybriel ao ver aquela imagem. Apesar de, hoje não concordar com muitas de suas decisões antes de ser rei, ele gostaria que o homem ainda fosse ousado e altivo.

Marylanna era a que mais parecia seu pai em personalidade quando jovem. Os irmãos eram todos mimados e mal acostumados. A princesa também era, até certo ponto, mas sabia lutar pelo que queria. Talvez devido ao preconceito que sofria por ser uma

mulher. Nem mesmo o mais velho, que liderava o exército, possuía a coragem e liderança que seu pai tivera durante sua idade. Preferia assistir os conflitos de longe e passar suas campanhas militares com diversas mulheres enquanto a esposa permanecia calada.

— Gybriel, meu filho! — exclamou Ludwig, indo de encontro com ele e dando-lhe um abraço apertado.

Procurou retornar o gesto carinhoso, sentindo-se um pouco desconfortável. Primeiro existia a diferença de tamanho e segundo, eles haviam se separado de forma brusca há três anos. O rei parecia já ter esquecido tudo que havia se passado. Recuando um passo, o homem mais velho o observou, com curiosidade e apreensão. Estava escrito em seu rosto que já sabia de toda verdade a respeito da mulher que salvara. Ainda sim, Gybriel não desistiria.

— Situação deveras terrível a que você se encontra, meu caro. Se não fosse tu, a quem estimo como filho, certamente jogaria o indivíduo na prisão por todos os danos causados.

O caçador forçou um sorriso, momentaneamente focando seu olhar nos outros ocupantes da sala do trono. No canto direito, próximo à porta de saída da serventia, encontrava-se o principal conselheiro real, Jonan Martueni. Ele era um homem alto e magro, com aparência de uma pessoa enferma. Suas bochechas eram fundas, destacando o fino e longo nariz ainda mais. Os olhos castanhos claros observavam tudo com sobriedade. O cabelo liso e castanho claro era preso por uma trança que chegava até seu ombro.

Se alguém tivesse de ser adereçado, essa pessoa era ele. Era o responsável por maior parte dos projetos, leis e regulamentações. Sem ele, Lanceir não teria chegado onde se encontrava hoje. Apesar de tudo, preferia manter-se sempre longe da atenção do público, deixando todo o crédito para o rei. Sim, era seu trabalho, mas em sua posição, muitos se tornariam ambiciosos com tal sucesso.

Apesar da aparência sombria, era um bom homem com um grande carinho por crianças. Gybriel lembrava-se dele brincando com Marylanna e seus irmãos enquanto cresciam.

Percebendo que o caçador ignorou sua deixa, o rei tomou coragem e afirmou:

— Eu sei o que pretende exigir. Já lhe digo que não poderei ser conivente.

— Ludwig... — começou o caçador, mas foi interrompido.

— Não, não, não, filho. A mulher permanecerá sob meus cuidados até que seja determinado seu destino pelos Cavaleiros Brancos.

Sentindo a raiva flamejar em seu corpo e mente, ele cerrou os punhos, procurando controlar-se. Mesmo sim, aumentou o tom quando retrucou:

— Ludwig, eles irão matá-la!

— Pois este é o destino dos Mar'zi, filho. Eventualmente, ela ficará louca, se já não estiver. Pelo menos terminarão com seu sofrimento de forma indolor.

Levou ambas as mãos à cabeça com revolta. Não conseguia acreditar naquilo. Sentia-se imponente. Precisava ajudar de alguma forma. Faria qualquer coisa para salvá-la da situação em que a colocara.

— Ninguém fora daqui precisa saber da natureza daquela mulher. Podemos clamar um engano. Eu cuidarei de tudo. Darei algum incentivo àqueles que

demonstrarem resistência. Não haverá problemas. Pretendo leva-la para um lugar seguro, onde cuidam desse tipo de gente sem a necessidade de executá-los.

O rei pareceu chocado com suas palavras, mas imediatamente se recompôs. Respirando fundo, explicou:

— Seria perigoso demais para o reino. Se a Ordem descobrisse que a deixamos escapar ou pior, que encobrimos sua existência, a aliança seria rompida imediatamente.

O guerreiro suspirou, frustrado. Sabia que aquele não era o motivo real para a resistência de Ludwig. O rei estava com medo. Sabia que qualquer passo em falso representaria um novo e poderoso inimigo. No passado, com o poderio militar de Lanceir, seria capaz de dizimar qualquer tentativa contra seu território. Hoje, entretanto, a situação era outra. A Ordem possuía o segundo maior centro tecnológico e o terceiro maior exército do continente. Isso sem contar o fato que nos últimos anos a força de Lanceir tornara-se menor, graças aos conflitos diretos e indiretos com Ishdor.

Gyriel deu as costas à família real, ignorando os protocolos da boa educação. Estava desesperado e com medo. Não queria perder esta batalha. Era injusto que todos aqueles capazes de fazer magia fossem tratados de forma tão impiedosa.

— Gyriel, meu filho... sei o quão difícil isto é para você. Também sei que esta não é a primeira Mar'zi que salva. É necessário que entendas: não importa quantas você liberte... nada trará Lyliene de volta.

Um flash brilhou em sua visão, lembrando-lhe do dia fatídico em que tiraram sua irmã da família que a amava tanto. Viu os olhos inchados da menina de nove anos, chorando desesperada enquanto os homens de uniforme branco a levavam para longe. Sua mão estendida, gritando o nome da mãe e do irmão, implorando para que eles a protegessem.

Dando um passo em direção ao rei, disse:

— Por favor, Ludwig. Eu estou te implorando.

Suspirando, o homem que tinha como pai balançou a cabeça negativamente. Não havia sequer sombra de dúvida em sua expressão. Ele não a deixaria viver. Estava destinada a execução nas mãos da Ordem, exatamente como acontecera com sua irmã.

Em um tom de derrota, pediu:

— Peço ao menos que deixem que eu dê a notícia a ela.

Após um leve momento de hesitação, o rei meneou a cabeça, concordando. E em um tom sombrio, disse:

— Não me desaponte, filho.

CAPITULO 3

Melayna fechou os olhos e focou em sua oração. Pediu pela iluminação de Tyer, pela leveza de Nyernier, pela sabedoria de Tanisya e pela doçura de Ennoelly. Concentrou-se nas amarguras que lhe incomodavam e procurou transformá-las em confiança e força de vontade. Não podia permitir que nenhum obstáculo a impedisse de retomar sua missão.

Durante meses ela sofreu em um cativeiro muito mais impiedoso que este. Sentiu-se desolada e fraca, perdeu a fé. Mas não mais. Sabia que algo bom se aproximava. A chegada dos guerreiros que a salvaram não havia sido mera coincidência. Os deuses estavam ao seu lado, procurando orientá-la e ajudá-la. Ela não os decepcionaria.

Respirando fundo, pediu por suas bênçãos, fazendo com que sua energia entrasse em sintonia com a deles.

A leve náusea deixou um gosto amargo em sua boca. Podia sentir o elo mágico próximo de se abrir, apesar da fraqueza que ainda a incomodava. Conseguia distinguir os elementos e suas essências vitais. Tudo que precisava fazer era esquecer-se de suas limitações físicas e alcançar em direção ao poder que fizera parte de sua vida desde pequena. Despreendeu-se das barreiras mentais que constantemente a lembravam das dificuldades que enfrentara, e imaginou-se novamente unida à magia. Estava tão próxima... depois de quase um ano sem aquela sensação maravilhosa, finalmente conseguiria...

Sua concentração foi interrompida por uma densa negatividade que pairou no ar. Abriu os olhos e observou seus arredores, procurando pela fonte de tanta tristeza e sofrimento. Diante dela, estava aquele que a salvara. Com as mãos caídas pressionadas contra a grossa parede transparente que os separava, ele a fitava com desespero. Era clara sua indignação. Não precisava utilizar de seu dom para saber que ele se sentia culpado pela situação em que ela se encontrava atualmente.

— Esta não é a primeira prisão que enfrento, não te preocupes. – disse para o guerreiro com um sorriso fraco em seus lábios.

— Isso não é uma prisão, é uma... jaula. – respondeu o homem com revolta em seu tom.

Observou a ‘jaula’ criada especialmente para pessoas como ela e suspirou. Consistia de um container pequeno, capaz de abrigar duas pessoas de pé. Era feito de um material transparente desenvolvido para refletir qualquer tipo de habilidade mágica. Não era um inibidor, como a droga que ainda se encontrava em seu organismo. Ali dentro, poderia fazer magia. A prisão nada mais era que um meio de evitar que Mar’zis pudessem machucar alguém além de si próprio.

— Acredite, isto não é nada comparado ao que já passei.

Suspirando, ele abaixou o olhar. Em um sussurro, respondeu:

— Estou preocupado com o que vai passar. Isto não é nada comparado ao que... – deixou que as palavras morressem em seus lábios, incapaz de pronunciá-las.

A Mar’zi o encarou e sorriu. Sabia que a morte a aguardava. Não temia tal destino se essa fosse a vontade dos deuses. Sentia-se calma e confiante. Estava pronta e queria que ele soubesse disso.

— Não tenho medo. Não te culpes. Se esta for minha hora de partir deste mundo, eu...

— Você não entende o que irão fazer com você. Te deixarão aqui até que os Cavaleiros Brancos a levem e a... a executem! E se eu não tivesse deixado que a trouxessem para cá, se tivesse feito algo para ajuda-la a escapar...

— Por favor, me escute... – pediu, mas o guerreiro continuou a falar.

— ...e se ao menos tivesse o poder de fazer algo para te tirar daqui agora...

Sentindo a agonia que perturbava o coração de seu salvador, ela concentrou-se e usou o resquício de forças que possuía para ajudá-lo. Viu a aura negra ao redor dele e focou em absorvê-la, como se lhe pertencesse. Sentiu seus músculos tornando-se tensos com a energia negativa que penetrava em seu corpo. Imediatamente, sua cabeça começou a latejar.

Os joelhos ameaçaram falhar e ela se forçou a parar. Com a respiração levemente acelerada, voltou a observá-lo. Realmente estava fraca. Pouco da escuridão ao redor do rapaz havia sumido. A nuvem cinzenta ainda permanecia sob seus ombros.

Ainda sim, aquilo foi o suficiente para acalmá-lo. As palavras já não mais fluíam de seus lábios. O olhar encarava um ponto fixo da sala, como se perdido em seus próprios pensamentos. De repente, o guerreiro piscou como se saísse de um transe. Preocupado, perguntou:

— Você está bem?

Ela concordou com a cabeça, mas tentou desviar o assunto:

— Por que decidiste me ajudar? Sabes o que sou.

Percebeu que sua aura acinzentada ainda estava sob a influência da tormenta que iniciara ao intervir em suas emoções. Por um momento desejou possuir forças para ajudá-lo ainda mais.

— Não acredito que o melhor caminho seja a execução. – respondeu sem hesitar.

Enquanto dizia aquelas palavras, ela pôde perceber uma breve chama esbranquiçada em sua aura, como se algo bom estivesse escondido dentro de toda aquela negatividade. Estava perdido em seu caminho. Precisava de ajuda para reencontrar sua essência.

Realmente não havia cruzado seu caminho por acaso.

— Eu sou Melayna, sacerdotisa da tribo de Mer Yen.

— Tribo Mer Yen? – perguntou, confuso. Não era o primeiro a desconhecer sua terra natal.

— Era localizada no continente que vocês chamam de Continente Deserto. Existiam diversas tribos lá, abençoadas pelos Deuses. Viviam com a fatura de alimentos normalmente ausentes em lugares tão secos. Mer Yen era uma dessas tribos.

— Não é mais? – perguntou ele, curioso e ao mesmo tempo contido. Podia sentir sua hesitação. Não queria se intrometer.

— Não estás se intrometendo. Gosto de falar do meu povo. E sim, nossa tribo foi destruída por... uma tragédia.

Respirou fundo ao sentir as memórias tristes que invadiram sua mente e seu coração. Procurou controlar-se para não piorar o humor do pobre guerreiro.

— Desculpe-me. Sei o quão difícil deve ter sido para você.

Uma enxurrada de emoções apossou-se da sacerdotisa. Sentiu a dor da perda e a culpa cortar sua carne como o golpe de um chicote. Balançou a cabeça, tentando separar suas emoções da do homem com quem conversava. Graças a sua fraqueza física, elas se mesclavam e eram magnificadas por seu dom.

— E quem serias tu, aquele para quem devo minha vida?

— Gybriel Wolkner. – respondeu, como se o nome dissesse tudo. Havia um peso que carregava naquele sobrenome, diferente de tudo que sentira vindo dele antes. Mágua.

Ao notar sua expressão de ignorância, ele perguntou:
— Nunca ouviu falar de mim? – alívio e decepção dominou sua voz ao mesmo tempo.

Balançou a cabeça negativamente e explicou:

— Estive em cativeiro por longos meses. Antes disso, mantinha-me afastada das grandes cidades.

— Você veio para cá depois que sua tribo...? – perguntou, deixando que o resto da sentença se esvanecesse em seus lábios.

— Sim. Precisava continuar com a missão que me foi dada.

— Missão?

Hesitou. Não sabia se aquele era o momento de tocar em um assunto tão delicado. Fez uma breve oração aos deuses, pedindo seu auxílio.

— Sim. Preciso ajudar este mundo a restaurar seu equilíbrio... – começou a explicar, mas antes que pudesse continuar, ouviu o som de passos se aproximando.

Cinco homens uniformizados se aproximaram, com suas armas empunhadas. O do meio, que exibia cores diferentes em seu vestuário, deu um passo para frente e fez uma breve reverência ao guerreiro.

Melayna tentou bloquear as emoções vinda daqueles homens, mas sua fraqueza não lhe permitiu tal feito. Sentiu um arrepio percorrer sua nuca ao perceber que estavam com medo.

— Senhor Wolkner. O rei Ludwig requer sua presença na sala do trono.

Aquele que dirigiu a palavra à Gybriel fitou a sacerdotisa por um breve momento e um nó se formou no estômago da mulher. Antes que pudesse evitar, viu a aura que o rodeava. Estava repleta de ódio, inveja e maldade. Além disso, temia a magia. Faria de tudo para se livrar daqueles capazes de empunhá-la.

Os sentimentos eram tão fortes que a deixaram tonta. Por um momento, sentiu-se ameaçada. Medo fez com que recuasse, encostando as costas contra a parede oposta. Gybriel percebeu, pois fez menção para intervir. Ao dar-se conta de que não poderia ajudar, ele simplesmente a fitou com preocupação.

— Senhor Wolkner? – perguntou o homem novamente, sua impaciência tornando-se cada vez mais forte.

Gybriel virou-se para os guardas, meneando a cabeça afirmativamente.

— Sabe o motivo desta audiência, Capitão Marciel?

O capitão fez que não, mas sequer se preocupou em elaborar uma resposta. Simplesmente permaneceu em silêncio, aguardando aquele com quem precisava retornar.

— Obrigado. Podem ir, estarei logo atrás.

Voltou a ignorar a presença dos guardas, dando-lhes as costas. Encarou a sacerdotisa por um momento, como se ponderasse algo. O derrotismo de quando entrara era somente uma sombra dentre suas emoções. Apesar de fraca, sua intervenção havia feito uma grande diferença no humor daquele homem. Em um tom confiante, ele disse a ela:

— Arrumarei um jeito de te tirar daqui. Sua estadia nesta... jaula... será breve. Prometo.

Percebeu a convicção na voz de seu salvador e deixou que um sorriso se formasse em seus lábios. Imediatamente sentiu-se revigorada. Ele dizia a verdade. Faria de tudo para ajuda-la.

Agora tinha certeza. Os deuses realmente estavam ao seu lado.

CAPITULO 4

Em um passo apressado voltou até a sala do trono, curioso para saber o que se passava. Apesar da raiva que ainda sentia pela frieza do rei, ele fez uma educada reverência ao entrar no local. Percebeu que somente ele e sua filha encontravam-se lá. Diferente da primeira vez, minutos atrás, podia ver que agora estava tenso. Uma camada fresca de suor cobria seu rosto. O olhar, aflito, continuamente focava na direção de Marylanna. Algo não estava certo.

Deu alguns passos para frente e perguntou:

— Mandou me chamar, Vossa Majestade?

Sabia que era imaturo de sua parte usar o título formal pelo simples fato de estar irritado com a decisão do rei, mas não ligava. Usaria qualquer ferramenta que possuísse para que o homem que via como pai se sentisse culpado e voltasse atrás.

— Sim, sim. Por favor, aproxime-se mais. — respondeu Ludwig em um tom nervoso.

Ao fazê-lo, percebeu que Marylanna o fitava com um sorriso triunfante. Arqueou uma sobrancelha, olhando para o outro homem, questionando-o silenciosamente.

— Eu pensei melhor no assunto tratado há pouco. — ele começou, estufando o peito como se para criar coragem — E eu gostaria de saber exatamente o que pretende fazer com a Mar'zi, se a levar consigo.

Inclinou a cabeça ligeiramente para o lado, deixando que surpresa demonstrasse em suas feições. Não conseguia imaginar o porquê o rei mostraria qualquer interesse no futuro daquela mulher depois das palavras duras que usou quando se referiu ao seu destino.

— Eu pensei em levá-la para um lugar onde possa ser bem cuidada. Existem rumores de organizações que acolhem Mar'zis e os ajudam. É afastada das cidades, e por isso, há pouco perigo caso algum deles... acabe por ser dominado pela insanidade.

Há aproximadamente um ano atrás, durante suas viagens, ele ouviu falar de uma organização que abrigava Mar'zis no reino de Ishdor, o segundo mais importante do continente. O intuito do grupo era ajudá-los a entender sua natureza, e também dar conforto aqueles que já eram tomados pela loucura. Parecia perigoso, mas eles viviam em um lugar isolado e poucos conheciam seu real paradeiro. O caçador sabia onde o local ficava, pois entrou em contato com um dos membros e levou-lhes dois praticantes de magia que salvou das garras dos Cavaleiros Brancos.

Marylanna apertou o ombro do pai gentilmente e Gybriel pressionou os lábios em apreensão. Algo não estava certo. Sentia que logo se arrependeria desta conversa. O rei a

olhou, meneando a cabeça afirmativamente. Com um olhar resignado para o caçador, ele concluiu:

— Então, se irá fazer bem para ela, que seja feita sua vontade. Você pode levá-la.

Sentindo seu coração pulsar aceleradamente, ele ficou calado, esperando por algum tipo de confirmação daquilo que havia ouvido. Fitou a princesa, que sorriu para ele de maneira satisfeita. Percebeu que um esboço de sorriso aparecia também em seu próprio rosto.

— Ludwig... eu não consigo acreditar... eu não tenho palavras pra expressar minha gratidão. — direcionando seu olhar para Marylanna, procurou agradecê-la silenciosamente.

Conhecia bem a princesa. Sabia que aquilo era obra sua. Provavelmente convenceu seu pai através de algum tipo de chantagem emocional. Ela era boa nisso e não havia se passado tempo o suficiente para uma argumentação que o levasse a mudar de opinião. Não sabia o porquê ela se importava com o bem estar da Mar'zi, mas não ligava, qualquer que fosse o motivo.

Fez uma reverência para ambos, longa e respeitosa, mas Ludwig o interrompeu dizendo:

— Ainda não terminei, filho.

Erguendo-se, ele os fitou, esperando para ver o que mais o rei tinha a dizer. Sentia-se ansioso. Queria contar as novidades a Melayna e tirá-la daquele calabouço imundo.

— Claro, Ludwig. Por favor, continue.

— A condição para deixá-lo levar a Mar'zi é que... — ele parou e respirou fundo, hesitando em continuar - ... é que leve Marylanna nessa viagem como representante legal de Lanceir. Para todos os efeitos, esta jornada não será nada mais que uma simples missão diplomática. Ninguém saberá da natureza da mulher. É de extrema importância que sua conexão com a magia seja mantida secreta.

Os olhos de Gybriel se arregalaram ao ouvir tais palavras. Sentiu-se apunhalado nas costas. Fitou a princesa com raiva, mas ela simplesmente ergueu o nariz, desdenhando-o. Deveria ter imaginado que algum desejo egoísta seria incluso por ela em sua chantagem. Ela não havia se conformado que ele a abandonara no passado, e agora, forçava sua presença em sua vida.

Deixando que sua fúria explodisse dentro de si, ele gritou:

— Ludwig! Você está louco? É de sua única filha que estamos falando! Você não pode entregá-la em minhas mãos dessa forma.

— O assunto não está aberto para discussões. — respondeu o rei com dificuldade, encarando um ponto fixo da sala e não o caçador.

— Eu não vou arriscá-la dessa forma! Se formos descobertos, ela também sofrerá as consequências de se associar com uma Mar'zi.

— Eu tenho certeza que você não permitirá que chegue a este ponto. Estou confiando a vida de minha filha a você e sei que não me decepcionará. — afirmou o rei, fitando-o e deixando claro que o caçador estaria encrencado caso falhasse.

— Eu não acredito nisso! — bradou Gybriel, levando ambas as mãos a cabeça — Por que você está fazendo isso, Ludwig?

— Se você não tem nada mais para adicionar... — o rei começou, mas foi interrompido.

— Por que coloca a vida de sua filha em risco dessa forma? — e encarando a mulher alva ao lado do pai, exclamou - Como foi que conseguiu tal feito? Que tipo de chantagem ela fez? Eu não posso ser complacente!

— É bom que seja, se não quiser ver a Mar'zi sendo executada pela Ordem dos Cavaleiros Brancos. Os rumores já escaparam por entre meus dedos. Logo eles estarão aqui para clamá-la.

— Mas, Ludwig, por favor! Irá realmente...

— Gybriel. — foi a vez do rei de interrompê-lo em um tom firme — Está decidido. Se não tem nada para adicionar, eu peço que se retire. Marylanna estará pronta para partir ao entardecer.

Seus lábios moveram-se, procurando formar palavras de protesto. Antes que pudesse arrumar algum outro argumento, o rei gesticulou para os guardas e eles abriram a porta principal, prontos para escoltar o caçador se necessário. Com os ombros tensos e os punhos cerrados, ele se virou, deixando pai e filha para trás.

CAPITULO 5

Gybriel ajustou as algemas que restringiam o pulso da ladra, para ter certeza que ela não fugiria. Fechou o bracelete de metal ao redor de seu punho direito e testou a distância da corrente que os unia. Satisfeito, empurrou-a para dentro da gaiola na parte posterior da carruagem que usariam para deixar a cidade. Sabia que esta era apenas mais uma precaução para que não fugisse, e que não seria a última. Conhecia bem a fama de Alyvia. Alguns a chamavam de gata negra devido à coloração de seus olhos, sua astúcia e sorte. Ouvira diversas histórias sobre suas fugas impossíveis e improváveis trapaças contra a morte.

Ele mesmo achou que a capturaria diversas vezes nestes últimos meses, somente para deixá-la escapar dentre seus dedos. Desta vez, seria diferente. Observou-a por um momento enquanto ela tocava seu joelho machucado. Sentiu-se temporariamente culpado por tê-lo quebrado, mas sabia que era tolo, considerando que logo a entregaria para uma sentença de morte. Hesitou em sua decisão ao lembrar-se do primeiro encontro dos dois. Pensou nos momentos que compartilharam e ponderou se realmente se tratava de uma criminosa letal. Não. Era exatamente o que ela queria. Sabia como enganar a qualquer um com seu jeito independente e indefeso ao mesmo tempo. Era perigosa, e por essa razão existia uma recompensa tão alta para sua apreensão.

Com um leve menear de sua cabeça, fechou o cadeado que a manteria dentro daquela prisão. Estavam prontos para partir.

Devido ao fato de estar transportando uma criminosa, Marylanna teria que se contentar com o conforto de acomodações mais simples. Não poderia leva-la à Ishdor em uma das carruagens reais. Nem que pudesse o faria, já que não desejava esse tipo de atenção sob o grupo.

Suspirando, balançou a cabeça. Ainda acreditava que Ludwig estava louco ao impor a presença de sua filha. Existia algo de muito errado naquela história e ele não hesitaria em descobrir. Precisava estar à par do tipo de chantagem que a princesa havia usado para que pudesse desfazê-la caso a viagem se tornasse perigosa demais. Ele não a arriscaria. Era importante demais para ele, para sua família e seu povo.

Ouviu passos se aproximando do lado de fora do estábulo real. Virou-se rapidamente para fitar o intruso e se surpreendeu com aquilo que viu.

Uma mulher de cabelos negros presos por três grossas tranças, que se entrelaçavam tornando-se única, andava em sua direção. Ela usava um vestido azul simples, de mangas longas e decote arredondado, parecido com o que fora dado a Melayna quando a libertaram. Reconhecia o estilo. Aquele era um vestido usado pelas nobres menos importantes do reino de Lanceir. Ao entender de quem se tratava, foi incapaz de esconder sua surpresa.

— Lanna? Eu... nossa... Impressionante. — foi tudo que conseguiu falar.

Um sorriso infantil brotou nos lábios da princesa, fazendo-o retribuí-lo de forma carinhosa. Ela estava orgulhosa de si mesma, algo que transparecia em todos os seus gestos e expressões. Lembrou-se por um momento daquela garota que havia abandonado quando decidiu dar as costas ao reino onde nascera. Apesar da maturidade presente em sua forma e feições, ela ainda era a mesma menina cheia de vida que almejava elogios e atenção.

— Este será nosso transporte? – a princesa perguntou com uma expressão de insatisfação em seu rosto.

Gyriel fez que sim e aguardou a reclamação que certamente viria. Lanna comprimiu os lábios, não permitindo que nenhuma palavra os deixasse. Era clara sua determinação. Queria ser vista como um recurso e não como um fardo.

Melayna, já sentada no assento traseiro da carruagem, observou a princesa e a cumprimentou com um sorriso fraco. Apesar de bem vestida e limpa, ainda encontrava-se em um estado lamentável. A pele pálida e os olhos fundos mostravam somente a memória de uma mulher que certamente fora bela e esbelta.

Ao seu lado, a ladra assoviou como se surpresa e exclamou:

— Marylanna Helena Til Niceramos. – e com uma reverência cínica, continuou – Essa sim será uma viagem e tanto se teremos realeza entre meros plebeus.

Apesar do tom de ironia em sua voz, seu olhar procurava algum tipo de confirmação. Ela não queria que aquilo fosse verdade. Com um suspiro, Gyriel confirmou:

— Ela realmente irá conosco, Alyvia.

A ladra deu um pulo, fazendo com que sua prisão balançasse levemente em cima da carruagem.

— Você só pode estar brincando, Gybs.

— Não me chame assim. – ele pediu, em um tom irritado, ao invés de responder à pergunta implícita.

Ela o ignorou e, com os olhos arregalados, continuou:

— Você é louco. Uma ladra, uma princesa e uma bruxa? Está pedindo para atrair problemas, não é?

— Ninguém pediu sua opinião, ladra. – cortou Lanna de maneira ácida.

— Ó grande soberana, peço perdão por ser a única com um pouquinho de sanidade aqui no meio! – retrucou Alyvia, parecendo realmente preocupada com a situação.

— Eu sei o que estou fazendo. – disse Gybriel em um tom firme, gesticulando para que as duas parassem.

— Espero que saiba. – respondeu a ladra encostando contra as barras metálicas e fingindo desinteresse.

Também esperava que soubesse. Mal conseguira dormir pensando a respeito de tudo aquilo. Temia envolver Lanna em uma jornada perigosa, mas sabia que não tivera escolha. O rei não os deixaria partir sem sua filha e havia prometido a Lyliene que salvaria a Mar'zi.

— Não devemos perder tempo aqui. Temos uma longa jornada pela frente. — finalizou ele.

Assim que Lanna se acomodou no banco dianteiro da carruagem e todas as provisões já foram postas ao lado de Melayna, eles iniciaram a cavalgada até a entrada do palácio. Precisavam deixar a capital antes que os cavaleiros da Ordem decidissem clamar sua prisioneira no castelo de Lanceir.

Aos poucos, ele deixou para trás a gloriosa cidade de Lanceir. Ignorou os comerciantes e suas ofertas de produtos baratos. Desviou das crianças com pedaços de madeiras que empunhavam como espadas ou pistolas. Amaldiçoou os triciclos motorizados que ouriçavam os cavalos com seu barulho ensurdecedor. Apesar de tudo, aquele era um lugar pacífico. Quando comparado às loucuras encontradas em outros reinos, Lanceir era abençoado. Possuía diversos aliados e poucos inimigos. Diferente de Zevan e Ishdor, evitava conflitos diretos. Preferia diplomacia à guerra.

Depois da descoberta de Meldanes, paz tornou-se algo subjetivo, controlado através das melhores invenções. O pó mélico, principal fonte de combustível, transformou-se em algo poderoso e perigoso. Motores, máquinas, transportes terrestres e aéreos... tudo foi criado a partir da combustão daquele insignificante metal vermelho. As espadas perderam sua grandiosidade, os cavalos tornaram-se um meio de locomoção complementar ao invés de primário, as pessoas esqueceram-se da beleza do ar puro e do céu límpido.

Lanceir mantinha-se conservadora nesta questão. Não permitia que a trilha de trem fosse levada a sua capital, nem que aeroportos fossem criados dentro dos limites da cidade. Designou Turien como seu principal centro tecnológico, e desviou todo o fluxo de transporte para Herren e Tanos. Para Gybriel, todos deveriam seguir este exemplo. Mas a preocupação com a praticidade e o desenvolvimento rápido fazia com que aglomerassem toda esta poluição em suas capitais, com raras exceções.

Apesar de possuírem grandes patrocinadores, os avanços tecnológicos ainda não tinham muita força dentre os mais humildes. Devido ao alto preço, somente as classes mais privilegiadas, diretamente relacionadas à nobreza ou aos renomados comerciantes que conseguiam adquirir produtos como aqueles. Ainda sim, o caçador sabia que era uma questão de tempo até que aquela vida pacata e silenciosa fosse completamente substituída pelo barulho dos motores e ritmo conturbado da modernidade.

Assim que iniciaram a jornada pelas planícies verdes que rodeavam a capital de Lanceir, Gybriel sentiu-se levemente aliviado. Pelo menos estavam fora do perímetro imediatos de problemas. Continuaria a apertar o passo por algumas horas e então pararia para um breve descanso em algum vilarejo por perto. Preferencialmente Mirtis, que se encontrava aproximadamente na metade da jornada para Turien, onde pegariam o trem para Ishdor.

— Então, diga-nos, Melayna, não é? – confirmou a princesa enquanto puxava conversa – Qual o motivo de sua vinda à Lanceir e dos homens que a caçavam?

O guerreiro pensou na obviedade da pergunta, mas não comentou. Sabia que a princesa provavelmente estava sendo educada.

— Caçavam-me, pois sou uma... bruxa... como dizem aqui nessas terras. Fugi enquanto me levavam para um experimento externo. Consegui manter-me foragida por diversos dias até que cheguei nesta cidade. De alguma forma, fui encontrada. Pegaram-me de surpresa e acabei sendo resgatada por este bondoso guerreiro.

Lanna sorriu para Gybriel ao ouvir o adjetivo utilizado pela Mar'zi para descrevê-lo. De maneira sem graça, ele deu os ombros e voltou sua atenção para a estrada.

— E como te encontraram? Como souberam onde estava? – perguntou a ladra.

— Não se meta, ladra. – cortou a princesa, bruscamente.

— Na verdade, tu fizeste uma boa pergunta. Não sei ao certo. Acredito que possuam algum tipo de recurso para localizar pessoas com o dom da magia. Isto não seria nada comparado aos utensílios que vi em seus laboratórios.

— Utensílios? – perguntou Gybriel.

— Sim. Estavam procurando uma maneira de cultivar artificialmente o poder mágico que existe dentro de nós. O intuito era criar uma poderosa arma de destruição, ou no mínimo, guerreiros que obedeçam cegamente à suas ordens.

Os ombros do guerreiro se tornaram tensos ao ouvir tal afirmação. Imaginou um mundo onde tecnologia e magia eram usados como recursos de guerra e soberania. Lembrou-se das palavras de Lyliene e a visão que tanto o assombrava. A conversa ao seu redor tornou-se fraca e aos poucos, ele se perdeu em suas memórias...

— Gybriel, meu irmão, preciso falar com você. – disse a menina de somente nove anos. Seus olhos azulados estavam sombrios e avermelhados, como se tivesse chorado recentemente.

À princípio, pensei em ignorá-la, pois estava prestes a sair para o treino que faria com meu pai. Ao ver seu olhar de desespero, mudei de ideia. Pensei nas mais variadas possibilidades. Já me preparei para atacar aquele que a ofendera ou possivelmente a desvirtuara. Levei a mão à espada que meu pai me dera em meu último aniversário, perguntando com ira:

— Quem te fez mal, minha irmã? Diga-me enquanto caminhamos em direção ao maldito que irá sofrer a ira dos Wolkners.

Ela segurou meu braço gentilmente e balançou a cabeça.

— Não aconteceu. Ainda. Mas será em breve e por isso, precisamos conversar.

Apesar da pouca idade, Lilyene usava palavras de uma pessoa adulta e conversava sobre os mais variados tópicos. Era uma mulher em um corpo de uma menina. Isto já era de se estranhar para muitos, mas nada se comparava a maneira como ela parecia saber aquilo que aconteceria antes de qualquer um. Diversas vezes consolara pessoas antes de seus entes queridos partirem e mediara brigas que nem sequer haviam ocorrido.

Ao perceber o tom de minha irmã, procurei sentar-me. Sabia que algo ruim estava por vir. Também sabia que precisava acreditar naquilo que estava prestes a dizer. Era o único que não a tratava como louca ou doente. Exatamente por este motivo que ela ainda confiava em mim suas visões.

— Logo virão me buscar. A Ordem, antes que pergunte. A verdade do que eu sou já se espalha pelo reino, apesar de papai e mamãe tentarem manter este segredo a todo custo.

Cerrei os punhos, pensando naquilo que ouvira. Em minha mente, já preparava diversos planos malucos e ousados para fugir com minha irmã. Precisava mantê-la longe daqueles homens cruéis. Ela era sã, independente do que dissessem, independente da tatuagem Mar'ziana que já possuía.

— Então, temos que sair daqui o mais rápido possível e...

— Não, irmão. Escute-me. — ela me interrompeu em um tom altivo, novamente fazendo-me esquecer de que não era uma mulher adulta. — Esse é meu destino. Assim será melhor. Já vi as variadas consequências decorrentes de minhas ações caso decida resistir. Precisa ser assim. Mas esta não é a parte que desejo conversar com você.

Contive-me para não interrompê-la novamente. Não compreendia muito bem sobre o que falava. Queria perguntar-lhe como sabia de tudo aquilo, sem parecer que existia alguma dúvida dentro de meu coração.

— Você precisa ajudar outros como eu. Prometa-me que salvará aqueles que cruzarem seu caminho. É importante que o faça.

Aquilo já havia passado pela minha mente. A possibilidade de ajudar outros como minha irmã era algo que me tentava fortemente todos os dias. Ninguém merecia ser executado por possuir um dom incompreendido.

— Eu prometo, mas...

Novamente ela me interrompeu, mas dessa vez com um gesto negativo de sua cabeça.

— Gybriel, prometa com seu coração. Trate-os como trataria a mim. Um dia virá àquela que representará o fim dessa era de sofrimento para os Mar'zis. Mais que isso, ela reequilibrará o nosso mundo.

Apesar de tentar manter-me neutro, Lyliene percebeu a dúvida que cresceu em meu olhar. Começava a duvidar de sua sanidade.

— Irmão... Não gostaria de compartilhar isto com você, mas força-me a tomar tal ação.

Ela segurou minhas mãos com força e fechou os olhos, concentrando-se em algo. E foi então que eu vi...

Fogo. Terror. Destruição.

O sol já não mais brilhava no céu.

Cadáveres de animais e pessoas se mesclavam dentre as plantas e árvores carbonizadas.

Nada restava neste mundo. Nada além de terra seca e infértil.

Na mesma noite, Lyliene foi levada pela Ordem dos Cavaleiros Brancos, para ser executada por bruxaria. A partir daquele momento, meu objetivo tornou-se um só: impedir que a última visão de minha irmã se realizasse.

— ...injetaram um tipo de líquido em meu organismo. Meu elo mágico está bloqueado até que o efeito dessa substância deixe meu corpo. Trata-se de algo ainda em fase experimental, pois vi diversos companheiros de cela morrer graças às injeções e aos testes que faziam. Os que sobreviviam, perdiam suas forças físicas e mentais também, tornando-se nada mais que marionetes nas mãos destes homens.

Gyriel virou sua cabeça, encarando aquela que falava. Observou-a, ainda pensando em seus últimos momentos com Lyliene. Tinha certeza que era dela de quem sua irmã falava. Melayna usara as mesmas palavras em Lanceir, dizendo que sua missão era reequilibrar o mundo.

— Qual é sua missão, Melayna? – perguntou, determinado a confirmar sua teoria.

A sacerdotisa pareceu hesitar por um momento, mas finalmente respirou fundo e respondeu:

— Sei que parece loucura, mas este mundo está em perigo. Os Deuses, que controlam os elementos naturais e permitem a diversidade e a beleza que conhecemos, foram corrompidos pela maldade e ganância humana. Por isso, agora agem como eles. Esqueceram-se de sua missão de harmonia e equilíbrio. Estão descontrolados.

A ladra soltou um leve riso de sua jaula, obviamente achando graça naquilo que ouvia. Gyriel, entretanto, arrepiou-se. Aquilo se encaixava com a visão que Lyliene lhe mostrara. Tinha certeza que era ela quem sua irmã lhe pedira para ajudar.

— Desculpe-me se te ofendo, mas deuses não existem. Isto foi uma crença colocada na mente dos antigos para evitar que se desviassem do caminho da caça e coleta sem excedentes. – a princesa explicou como se estivesse lidando com uma criança pequena.

Em um mundo voltado para a tecnologia, onde o homem e sua máquina eram o centro de tudo, ninguém mais acreditava no divino. Aquilo que chamavam de ‘explicação científica’ era dado a tudo, evitando a proliferação do medo do desconhecido.

— E como explicas aqueles capazes de fazer magia?

— Oras, existem teorias científicas referentes a este assunto, mas não consigo me recordar de muitos detalhes no momento. Algumas se referem à magia como distúrbios mentais que são capazes de influenciar as partículas ao seu redor. Seria algo parecido com a teoria de combustão do pó mélico. É complexa demais para ser explicada assim, tão facilmente. – a princesa desviou o assunto, cruzando os braços de maneira defensiva.

— E como você explica magia? – Alyvia perguntou à sacerdotisa, com uma mistura de curiosidade e ceticismo.

— Todos tem uma ligação com os deuses que nutrem esse mundo com seus poderes. Alguns a possuem mais forte que os outros e por isso, são capazes de canalizar parte de seu elemento.

— Humm. – foi só o que Alyvia respondeu. Pelo seu tom, não acreditava, mas não desejava prosseguir com a discussão.

Com um suspiro, a sacerdotisa treplicou:

— Se não acreditas no que digo, então explica-me, como é possível existir uma cachoeira que corre na direção oposta de sua nascente?

— Então a cachoeira seria um dos seus ‘deuses’? – perguntou a ladra em zombaria.

O cansaço de Melayna era óbvio, mas somado a pressão das perguntas, tornava-se ainda mais transparente. Os olhos mal permaneciam abertos e com cada palavra ela respirava fundo, como se tivesse que fazer um grande esforço para manter-se consciente. Percebendo que o bombardeio continuaria, Gybriel interrompeu a conversa:

— Estamos próximos do vilarejo de Munas. Iremos parar para descansar por algumas horas. Por isso, vamos nos limitar a assuntos normais, que não tragam suspeitas quando a origem de cada um.

A princesa se contentou em sorrir, mas Alyvia bufou em resposta a interrupção. Também não acreditava em deuses, muito menos naqueles que pudessem ser tão facilmente corrompidos por humanos e suas mesquinhas. Se realmente eram divinos, deveriam estar acima de tudo aquilo e não se mesclando com suas criaturas a ponto de serem influenciados por elas.

Ainda sim, Lyliene havia lhe ensinado a questionar em silêncio, sem criticar antes de possuir algum tipo de fato ou prova contra o que lhe era dito. E isto era exatamente o que faria. Mais que isso, forçaria todos a fazer o mesmo, se necessário.

CAPÍTULO 6

Alyvia sentiu seu corpo queimar e abriu os olhos em desespero. Chamas a rodeavam, consumindo tudo ao seu redor. Os cavalos relinchavam. A madeira estalava dolorosamente. Demorou alguns momentos para entender a cruel realidade: o estábulo estava pegando fogo e ela estava na prisão em que Gybriel havia lhe colocado, sem escapatória.

— Pense em alguma coisa, pense. – murmurou para si mesma, aflita.

Olhou ao seu redor e prendeu a respiração. Não seria capaz de segurar por muito tempo, mas era necessário evitar que a fumaça penetrasse em seu pulmão. Protegeu o ombro com a parte mais grossa de sua camisa e usou toda sua força para derrubar seu cativo. A estrutura de madeira da carruagem, já comprometida pelo fogo, cedeu rapidamente.

Assim que caiu no chão, sentiu a dor do impacto misturada com o ardor do metal quente. Deixou escapar um grito, mas procurou nele reunir forças para continuar sua luta pela sobrevivência.

Precisava saber como tudo começou. Estariam tentando livrar-se dela?

Deixou os pensamentos de lado, focando em uma tarefa de cada vez. Procurou por alguma coisa, qualquer coisa, que a ajudasse a abrir o cadeado de sua prisão. Encontrou uma marreta e alcançou-a com dificuldade. A cada marretada, examinava as labaredas que dançavam em sua direção. Estavam cada vez mais perto. Precisava sair de lá o mais rápido possível.

Sentiu um alívio temporário ao conseguir libertar-se de sua prisão. Estava livre, mas... para onde iria? Notou que ainda usava as algemas que a ligavam ao caçador de recompensas, mas não o via em lugar algum. Estaria morto? Consumido pelas chamas?

Chamou por seu nome uma, duas, três vezes.

Nada.

Sabia que o mais sensato era fugir de lá. Nenhum deles se importaria em salvá-la. Provavelmente já haviam encontrado proteção em algum lugar. Ainda sim, algo a cutucava no fundo de sua mente, pedindo para que checasse a estalagem onde seus companheiros deveriam estar.

Deu um passo na direção oposta, mas sua consciência gritou mais alto. Mostrou-lhe cenas terríveis de cada um deles queimando enquanto ela saía ileso daquela situação. Aquilo foi o suficiente para que desistisse de seu ato egoísta.

Protegendo seu rosto, correu em direção à porta que dava para o salão principal do local. Jogou-se contra a madeira, ainda pouco comprometida pelas chamas, até que esta foi obrigada a ceder-lhe passagem. Respirou fundo assim que se deparou com um cenário menos avermelhado do que o que vivera no estábulo. O fogo já estava presente em diversas partes do salão principal e dos cômodos, mas a estrutura ainda estava intacta.

Enrolou-se em uma colcha grossa que antes cobria o sofá de hóspedes, protegendo-se do fogo. Concentrando-se, ignorou a dor de seu joelho machucado e aumentou o passo em direção aos quartos. Abriu a primeira e a segunda porta, mas não encontrou ninguém. Desesperada, começou a chamar pelos nomes de cada um deles. Precisava encontrá-los com vida. Gybriel... Melayna... Estariam lá, em algum lugar.

Ao abrir a terceira porta, viu duas figuras no chão, inconscientes. Ambos estavam deitados de bruços. Tratava-se de um casal. A mulher estava com maior parte de seu corpo em cima do de seu companheiro, como se o protegesse de algo. O fogo ainda não os alcançara, mas estava próximo.

Agachou-se com dificuldade e colocou os dedos no pescoço da mulher, procurando sentir seu pulso. Nada. Precisava ter certeza.

Assim que deslizou os dedos contra a pele da mulher, sentiu um líquido viscoso e quente banhando-os. Retirou-os rapidamente e seu olhar fixou na cena diante de si. Foi então que deparou-se com a terrível realidade: uma poça de sangue rodeava o casal.

Alyvia gritou.

Fez menção para levar as mãos à boca, mas parou ao lembrar-se que estavam ensanguentadas. Os dedos tremeram, e todos os membros de seu corpo seguiram o mesmo exemplo. Sua razão lhe dizia para sair de lá, para deixar as memórias ruins daquela cena para trás, junto com seus corpos. Algo a perturbava, entretanto. Dentro de si crescia uma vontade de descobrir a identidade daqueles dois pobres seres. Era como se, de alguma forma, estivesse ligada ao assassinato ou às vítimas.

Com mórbida curiosidade, levou uma mão ao ombro da mulher e a virou. Olhos esbugalhados a encararam. Maior parte do rosto estava queimada, apesar de o fogo ainda não ter chegado onde estavam.

Tremendo, começou a se levantar. Precisava sair dali antes que compartilhasse o mesmo destino do casal. Ao se afastar, sentiu uma mão agarrar seu braço, puxando-a para perto novamente.

— Não.... não... por favor, me deixe ir... — gritou, e lágrimas escaparam de seus olhos.

— Alyvia... — ouviu uma voz chamando-a e se debateu ainda mais.

Algo agarrou seu queixo, forçando-a a se virar. Não queria ver aquela terrível face da morte, contorcida por queimaduras e sofrimento. Precisava sair dali.

Ouviu seu nome novamente e uma face masculina apareceu diante de seus olhos, fazendo-a pular. Identificou o rosto de Gybriel e enrijeceu-se, sobressaltada. Olhou ao seu redor rapidamente, notando que nada estava em chamas. Havia sido um pesadelo. Outro daqueles que normalmente a assombravam.

Levou as mãos ao rosto, limpando o suor que encharcava seu corpo. Sentia-se fraca e febril, como normalmente acontecia quando tinha uma noite conturbada.

— Você está bem? – ele perguntou, com o cenho franzido em preocupação.

Ela fez que sim com a cabeça, ignorando as mãos trêmulas e o coração pulsando fortemente. Em um gesto frágil, procurou conforto encostando a cabeça contra barras metálicas que os separavam. Sentiu as mãos fortes dele abraçando-a e deixou um longo suspiro escapar seus lábios.

Queria contar tudo para ele. Apresentaria a mulher frágil por debaixo daquele manto de ironia e sarcasmo. Mostraria que ela não era tudo aquilo que diziam. Queria ter alguém com quem contar, alguém para confiar e desabafar. Tivera isso um dia.

Balançou a cabeça levemente, tentando livrar-se daquela fraqueza emocional que a dominava. *Preciso ser forte*, disse a si mesma, disposta a não se entregar. Afastou-se do homem bruscamente, como se rejeitasse seu carinho. Ouviu um breve suspiro, que não soube interpretar se era de exasperação ou tormento.

Com as mãos ainda trêmulas, ajeitou os fios de cabelo que teimavam em tocar seu rosto. Tentou estufar o peito e mostrar-se forte. Viu um sorriso torto formando-se nos lábios de Gybriel, como se seu plano tivesse falhado.

Virou-se rapidamente, pigarreando e fingindo não ter notado a expressão em seu rosto. Um sussurro veio de onde ele estava, mas não entendeu o que foi dito. Voltou a fitá-lo, questionando-o com seu olhar. Ele a observou em silêncio e nada mais.

Novamente um sussurro alcançou seus ouvidos, mas dessa vez, notou que os lábios do homem não se mexeram. As vozes começaram a aumentar seu volume e foi capaz de decifrar a palavra: “Ajude” entre as que eram ditas.

Franziu o cenho, sentindo-se aflita. Era como se estivesse rodeada por pessoas invisíveis, tentando contar-lhe os mais terríveis segredos. Procurou levantar-se, mas Gybriel a segurou. Viu os lábios do caçador de recompensas se mexendo, mas nenhuma palavra saiu de sua boca. Perguntou-lhe o que estava dizendo, mas mal conseguia ouvir a si mesma.

A voz tão familiar de seu amigo imaginário ecoava em sua mente como se multiplicada centenas de vezes. Gritava, em desespero, pedindo: *Ajude-a!*

Outras vozes ecoavam, parecendo vir de todas as direções.

Precisa de ajuda.

...ela logo será...

...precisa ser salva...

...vá ao seu encontro...

...vá agora...

Agora.

AGORA!

Sentiu as mãos de Gybriel chacoalhando-a e virou-se para encará-lo. Ele a fitava com preocupação profunda. Finalmente, foi capaz de ouvi-lo dizer:

— ...Alyvia...Alyvia...O que foi? O que você tem? O que aconteceu? Fale comigo!

A ladra mal conseguia respirar, transtornada pelo barulho ensurdecedor que vinha de dentro de sua mente.

De repente, silêncio total.

Olhou para os lados, procurando entender porque todos os sons haviam sumido. Ouviu um leve murmúrio e imediatamente reconheceu a voz que a assombrava desde pequena. Em desespero, seu amigo imaginário pedia, ou melhor, ordenava que ela a ajudasse. Sentiu um arrepio em sua espinha, e a sensação de angústia aumentou. Em sua urgência em transmitir o recado, sequer conseguiu fazer sentido:

— Ela...ajuda...estão me forçando. Tem algo...não sei...ela precisa ser salva...

— Do que você está falando? O que está acontecendo?

Fechou os olhos, tentando se acalmar. *Não há mais tempo. Você precisa ir agora*, disse a voz de forma altiva.

— Melayna está em perigo. – foi finalmente capaz de explicar.

— Do que... – começou a questionar, mas ela o interrompeu com um gesto brusco de suas mãos algemadas.

— Não há tempo. Eu sei que parece loucura. Não é. Eu nunca erro.

— Você teve um pesadelo...

— Gybriel. Agora. – a voz séria fez com que ele se calasse.

Por alguns segundos, o caçador a fitou. Havia uma mistura de dúvida e preocupação em seu olhar.

Ainda segurando os braços da loira, ele a puxou contra as barras metálicas, trazendo-a para perto de si. Com rapidez, abriu a jaula que a aprisionava e a tirou de dentro. Trouxe-a para o chão e deixou a carruagem para trás, sem se preocupar em guardar as provisões ou presar pela segurança de seu transporte. Colocou um braço ao redor do ombro da ladra e iniciou uma caminhada apressada em direção à entrada para o salão principal da estalagem.

— Consegue acompanhar? – perguntou, enquanto se dirigia para a entrada do estabelecimento onde Melayna e Marylanna deveria estar acomodadas.

— Vai logo. – foi tudo que ela disse, concentrando-se em ignorar a dor que a afligia e a voz que insistia em repetir as mesmas palavras de preocupação pela vida da Mar'zi.

Gybriel arrombou a porta, sem se preocupar em checar se esta se encontrava trancada ou não. Caminhou pelo corredor vazio, já desembainhando sua espada. Parou logo a frente do quarto das duas mulheres e bateu na porta uma única vez, como se em um aviso educado de sua invasão. Em seguida, chutou a madeira, forçando-a a dar passagem.

Um barulho abafado veio do quarto escuro. A única lamparina acesa iluminava o pé das duas camas de solteiro. Em uma delas, Marylanna estava sentada, encarando os intrusos com pavor em seu olhar. A outra, entretanto, estava vazia.

— Onde está a Melayna? – perguntou o guerreiro, aflito.

— E-eu não sei, eu... – a princesa começou a se explicar, a sonolência e o medo afetando-a profundamente. – O que está acontecendo...?

— Alguém entrou aqui? Você sabe para onde ela foi?

— Ah? Ah... ela disse algo sobre... sobre espaiar. Não lembro bem e...

O caçador sequer deixou que ela finalizasse a sentença. Começou a sair do quarto, procurando em seus arredores por uma pista para onde ir.

Na fonte, perto do centro do vilarejo, sussurrou a voz familiar de seu amigo imaginário.

— Na fonte, perto do centro do vilarejo. Aquela por onde passamos quando chegamos. – Alyvia retransmitiu o recado, sentindo sua aflição crescer.

Por favor, que tudo esteja bem, pensou para si mesma. Não sabia por que se importava tanto, simplesmente sentia-se aflita com a possibilidade de algo ter acontecido com a Mar'zi.

Gybriel arqueou uma sobrancelha para a informação que recebera, mas ao invés de questioná-la, seguiu para o local indicado.

Sabiam exatamente onde a fonte ficava, graças ao tamanho do vilarejo. Estava há alguns metros da hospedaria. Todas as casas e estabelecimentos locais rodeavam a estátua de pedra com a imagem de um guerreiro apontando seu arco e flecha para a única entrada da cidade. Segundo o hospedeiro de Munas, aquilo representava a coragem de todos os moradores. Enfrentariam qualquer perigo, independente da desvantagem ou do preço que pagariam.

Ao alcançar seu destino, encontraram Melayna sentada próxima a fonte, com os olhos fechados em concentração. Uma canção soava de seus lábios, enquanto seus dedos tocavam a superfície da água. Por um momento, as vozes na mente de Alyvia se silenciaram ouvindo voz tão bela e confortante. Seu companheiro, entretanto, não foi comovido pelo doce som. Continuou caminhando ríspidamente em direção à sacerdotisa. Seu olhar examinava os arredores com desconfiança e apreensão.

— Está tudo bem? – Gybriel interrompeu a Mar'zi, fitando-a com preocupação.

Melayna piscou, surpresa e confusa. Deu os ombros e fez que sim com a cabeça, respondendo:

— Tudo está bem. Só precisava de ar puro para espaiar.

O caçador virou-se para a ladra, encarando-a. Sentiu-se acuada diante de seu olhar acusador. Queria explicar-se, dizer que não era louca e que algo realmente estava errado, mas sequer conseguia ouvir as vozes em sua mente agora. Talvez realmente estivesse ficando louca.

Balançou a cabeça e um leve suspiro deixou seus lábios.

— Eu te disse que era só um pesadelo. — Gybriel comentou, obviamente irritado. Apesar de desmenti-la, ainda observava seus arredores com apreensão.

— Estavas preocupada comigo? — perguntou a sacerdotisa, sorrindo para Alyvia — Ainda estou um pouco fraca, mas tudo está bem. Não te preocupes.

A loira fez que sim com a cabeça, deixando que seu corpo relaxasse. Talvez Gybriel tivesse razão. Seus pesadelos sempre mexiam com sua mente, deixando-a aflita. Provavelmente não era a única afetada. Talvez seu amigo imaginário também ficasse paranoico depois de sonhos como aquele. Ou isso ou... tudo era fruto de sua imaginação e realmente estava ficando louca.

Assim que esse pensamento circou sua mente, tudo pareceu mover-se lentamente ao seu redor. Viu seu companheiro embainhando sua espada devagar, enquanto pedia desculpas à sacerdotisa pelo incomodo. Notou algumas folhas secas sendo carregadas pela brisa noturna, rodopiando no ar. Foi capaz de identificar cada gota de água que caía da fonte, e as viu espirrar em todas as direções.

Piscou e... tudo parou de vez.

Virou-se rapidamente ao sentir um arrepio em sua nuca. Estreitou os olhos e enxergou vultos cruzando a floresta há alguns metros de distância. Maior parte de suas silhuetas estavam escondidas pela densidade das árvores e escuridão da noite de lua nova.

Piscou novamente e... o mundo pareceu retornar a sua velocidade normal.

Sua mente mal foi capaz de processar o que diria para seus companheiros quando ouviu o aviso do amigo imaginário: *Proteja-a, agora!*

Não hesitou.

Jogou-se em cima da sacerdotisa, arrancando um grito de surpresa da mulher. Sentiu algo penetrando em sua pele e mordeu o lábio inferior, ignorando a dor. Antes de cair no chão, rolou seu corpo para proteger Melayna do impacto. Suas costas atingiu a terra seca e o objeto em seu braço penetrou ainda mais fundo.

Dessa vez, não tentou bancar a forte.

Gritou.

O mundo pareceu rodopiar e manchas negras formaram-se em sua visão.

Sentiu seu corpo perdendo suas forças...

Ouviu Melayna chamando seu nome e sua cabeça pulsou em desespero. Forçou-se a encará-la, prezando por seu bem-estar. Sorriu ao ver que estava bem. Sons de espadas ecoaram ao seu redor. Sabia que algo ruim estava prestes a acontecer, mas sequer conseguia se mexer. O formigamento que havia começado no local atingido espalhava-se por todo seu corpo.

Aquilo não era bom sinal. Sabia disso, mas não ligava. Havia cumprido a missão que seu amigo imaginário lhe dera. Salvava a Mar'zi. Não estava ficando louca, pelo menos não ainda.

Manteve seu olhar focado na mulher que salvara, observando cada um de seus movimentos. Viu quando ela se levantou e ordenou que todos parassem. Um arrepio percorreu sua nuca. Podia sentir o poder daquelas palavras, como se elas comandassem a tudo e a todos. Desviou sua atenção momentaneamente, lutando contra as pálpebras pesadas. Foi então que viu.

Diversos homens, mercenários a julgar pelas roupas que usavam, cercavam o grupo. Empunhavam armas brancas e pistolas, prontos para dizimar todos que cruzassem seu caminho. Para surpresa de Alyvia, estavam imóveis. Alguns, ainda em posição de ataque, pareciam aguardar algum tipo de comando.

As mãos de Melayna se levantaram para os céus e ela ordenou:

— Com a benção dos Deuses, eu, sacerdotisa de Mer Yen, vos ordeno que cessem este ataque.

Sentiu uma onda de energia atingir seu corpo. Era imponente, porém fraca. Seria aquele o dom da Mar'zi? Fitou os inimigos e notou que alguns haviam largado suas armas. Outros, entretanto, pareciam lutar contra aquela vontade que os dominava.

Precisavam sair de lá, mas tudo que conseguia pensar era que gostaria de dormir, mesmo que por cinco minutos. Fechou os olhos por um momento. Prometeu a si mesma que seria somente até se recuperar da sensação estranha que dominava seu corpo.

Não aguentou.

Sucumbiu à escuridão.